

João Ferreira de Almeida

Polvo Vermelho



Polvo vermelho

João Ferreira de Almeida

Polvo vermelho



Rio de Janeiro
2017



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Polvo vermelho

Copyright © 2017, *João Ferreira de Almeida*
Todos os direitos são reservados no Brasil.

PoD Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 sala 1110
Centro – Rio de Janeiro - 20060-030
Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Revisão:

Pod Editora

Diagramação:

PoD Editora

Foto de Capa:

www.pixabay.com

Impressão e Acabamento:

PoD Editora

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

A448p

Almeida, João Ferreira de
Polvo vermelho / João Ferreira de Almeida. - 1. ed. - Rio de Janeiro : PoD, 2017.
246 p. ; 21 cm.
Inclui índice

ISBN 978-85-8225-160-7

1. Ficção brasileira. I. Título.

17-45714

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

30/10/2017

*Agradeço o apoio de minha esposa Eduarda, minha filha
Letícia e dos amigos Glória, Tina e Beto, que sempre me
estimularam para que este livro fosse escrito!*

*Especial agradecimento ao Denio e Múcio da
Desktop Sigmanet que patrocinaram e viabilizaram esta obra.*

Sumário

Introdução	9
A ILUSÃO DA FORMA	11
Capítulo 1.REI RICO.....	13
Capítulo 2.UM MUNDO A SER ENFRENTADO	17
Capítulo 3.FÉLIX	27
Capítulo 4.A REDOMA	35
Capítulo 5.EM BUSCA DE OXIGÊNIO	43
Capítulo 6.A VIAGEM.....	67
Capítulo 7.MARCO ZERO.....	77
Capítulo 8.A ILHA	95
Capítulo 9.FRONTEIRA EXCEPCIONALISTA.....	113
Capítulo 10.A BIFURCAÇÃO	139
Capítulo 11.GUIDO.....	151
Capítulo 12.O LÍRIO E O CHARCO	163
Capítulo 13.BENITOÍTE	171
Capítulo 14.A JUNÇÃO	203
Capítulo 15.MERLIN.....	219
Capítulo 16.SOFIA QUE GERA MAITÊ.....	229
Capítulo 17.MAITÊ.....	235
Capítulo 18.AGREGADO	237
Capítulo 19.REALIDADE, A ILUSÃO	239
Capítulo 20.Nível de consciência alcançado, tão importante quanto o ar que respiramos!	243

Introdução

Os polvos, principalmente conhecidos pela capacidade de liberar uma tinta quando em fuga, possuem três mecanismos típicos de defesa: glândulas de tinta, camuflagem e autotomia dos braços.

A maioria dos polvos é capaz de liberar uma densa nuvem de tinta que os ajudam a escapar de predadores. A principal substância é composta por melanina que também dá a coloração dos cabelos e da pele dos seres humanos. A nuvem de tinta também possui cheiro, sendo capaz de confundir predadores, como tubarões, que dependem muito do olfato para localizar a presa.

A camuflagem dos polvos é obtida através de algumas células especializadas de sua pele, podendo alterar a cor aparente e a opacidade de sua epiderme. Cromatóforos contêm pigmentos de cores como amarelo, laranja, vermelho, marrom e preto; a maioria das espécies possui três desses pigmentos, embora algumas tenham dois ou quatro. Outra característica relativa à mudança de cor é obtida através da alteração de refletividade das células iridóforas e leucóforas (de coloração branca). A capacidade de mudança de cor também serve para alertar outros polvos sobre o perigo de ataque de um predador. O polvo de anéis azuis pode se tornar de um amarelo intenso quando provocado.

Alguns polvos, quando ameaçados, têm a capacidade de autotomia dos braços de forma semelhante às lagartixas que podem liberar suas caudas. Os braços liberados servem como distrativos para os predadores em sua caça.

Polvos de poucas espécies, como o *Thaumoctopus mimicus*, têm um quarto mecanismo de defesa. Eles conseguem combinar a alta flexibilidade de seus corpos com a mudança de coloração, imitando outros animais mais perigosos como o peixe-leão, cobras-do-mar e moreias. Também são capazes de alterar sua textura a fim de atingir uma camuflagem a imitar pedras e algas.

A ILUSÃO DA FORMA

Talvez, por termos somente o momento presente como pura realidade e não sabermos o que acontecerá no futuro, nós ficamos com os acontecimentos passados martelando nosso intelecto e conseqüentemente ansiosos quanto ao futuro.

Se quando fechamos os olhos podemos imediatamente nos transportar para o passado próximo ou remoto, confirmamos que nossa essência é livre, vai e vem à vontade, sem nada que a freie.

Quando fazemos uma viagem mental é possível reviver os aromas, as cores, o calor do sol, o frio da noite e as emoções que nos circundaram enquanto almas viajantes.

Não se compara de forma alguma, toda a leveza que uma viagem mental é capaz de proporcionar. Já uma viagem física depende de nossos pés, carros, navios e aviões.

Há uma diferença considerável entre as viagens para o passado e para o futuro.

O passado já foi experimentado, portanto é terreno conhecido. Fixou tanto em nossa memória, que chegamos ao ponto de julgá-lo bom ou questionarmos se poderia ter sido melhor, como se fosse o rascunho de uma carta que alteramos algumas frases.

Quando fazemos autocrítica de ações passadas temos a tendência de nos alegrar ou sofrer com as lembranças, ao ponto de sentir taquicardia.

O futuro é terreno desconhecido. Voamos para ele com a mesma velocidade que nos transportamos para o passado. No entanto, sentimos medo do futuro por estarmos lidando com um mistério.

De tudo que portamos em nosso intelecto, o que realmente temos é o momento presente, que nos pode trazer equilíbrio entre o passado e o futuro.

Se vivermos bem o agora, estaremos protegidos de uma vida ilusória que poderá mascarar a realidade. Teremos um passado de paz e projetaremos para o futuro o mesmo estado de espírito.

A mesma dose de realismo também nos ajudará a manter as formas, as cores, os aromas e os sabores da vida. Se diminuirmos ou aumentarmos o valor desses fundamentos, certamente nos enganaremos e sofreremos.

Quando nos colocamos no tempo presente, temos a oportunidade de perceber a realidade espiritual, visão que nos conduz ao acerto nos assuntos práticos e transcendentais.

Vemos o sol e o sentimos em nossa pele, mas não vemos o calor que nos bronzeia.

Sentimos a brisa e o vento que balança as folhas das árvores, mas não o vemos.

Tocamos o vidro do perfume, sentimos seu líquido em nosso corpo, mas não vemos seu aroma.

Quando dirigimos numa estrada com forte nevoeiro e visão quase zero e consideramos só a realidade visual, ficaremos paralisados. O fato de não enxergarmos o que vem depois da névoa, pode ser apavorante. Porém, se acreditamos na realidade espiritual, que pode ser um ato de fé, que o grande Arquiteto nos proporcionou, confiamos que o caminho continuará após a cortina branca formada pela névoa. Assim é a vida.

Em questão de segundos, tudo pode acontecer e mudar totalmente o trajeto de nossas vidas.

A surpresa poderá ser boa ou ruim, dependerá do julgamento que fizermos. Quando essa onda chega, ela nos invade sem prévio consentimento e aparece como se tivesse sido convidada.

Capítulo 1. REI RICO

Tateando a vida, Mateus estava acomodado numa cadeira de madeira, onde fazia suas refeições, seu lugar preferido.

Como se fosse uma posição estratégica, daquele canto da cozinha via toda extensão da casa, o quintal, as galinhas, os patos, os porcos e também os cachorros deitados em frente à porta, que ajudavam na segurança da propriedade. Através de um nicho via a vasta área do sítio e as montanhas ao longe de onde vinham as chuvas.

Não fosse pela sua tenra idade poderia se pensar que ele escolhia este lugar de propósito para poder enxergar tudo.

No início das montanhas estava a lavoura de café com seus frutos vermelhos anunciando boa colheita para breve.

Mateus, esperando pelo desjejum, ficava com seus olhos amendoados fixos na fumaça que saía do coador e abaixava a cabeça até o ponto de imaginar a fumaça saindo pelo cume da montanha ao longe. Divertia-se com aquilo e queria que todos enxergassem a mesma ilusão de ótica, o que, dependendo do humor e tempo da família, acontecia ou não.

Durante o dia, sua brincadeira predileta era formar desenhos imaginários com as nuvens, como homens velhos de barba longa e branca, de chapéu, sem chapéu e até os carecas estavam lá, sempre com a barba longa.

Também estavam os ursos, as águias, as baleias, peixes menores e outros seres viventes da terra e do mar. Naquele céu azul, de nuvens brancas, se formavam desenhos como se lá em cima fosse uma demonstração da vida aqui embaixo.

As nuvens viajantes eram as preferidas de Mateus; ele as acompanhava

no horizonte se movendo com uma velocidade incrível como se soubessem exatamente para onde iam, embora fosse o vento quem ditasse seus destinos.

Nos dias quentes de verão, apareciam as nuvens escuras no final da tarde, que traziam boas chuvas e frescor para o merecido descanso noturno e conforto para as almas. As plantas estavam sendo molhadas e certamente continuariam em sua marcha produtiva.

Apesar da pouca idade, o céu encantava aquele menino. Não parecia ser uma atitude consciente e sim uma vocação inerente à própria existência.

Nas noites claras, sem nuvens e com a lua minguante, era possível ver os planetas e as estrelas. Tudo formava um universo imenso e misterioso.

Eram tantas estrelas juntas que parecia poeira de luzes brilhantes; cometas cruzando o céu num show inexplicável, confirmando a grandeza do universo. Haja vista para tanta contemplação! Mateus e seus irmãos vivenciavam todo aquele esplendor.

Assim era a vida no campo.

Mateus, já com cinco anos de idade, demonstrava sapiência além de seu tempo, status alcançado com a ajuda dos quatro irmãos que os tratavam com esmero e carinho.

– Está no mundo da lua menino? Era a pergunta que ele mais ouvia.

Com mais um ano de vida, as mudanças aconteciam o tempo todo com ele.

Mesmo mostrando esperteza nada comum para sua idade, a família era cuidadosa em seus julgamentos e queriam crer que o desenvolvimento dele estivesse dentro da normalidade.

Pequeno e caçula que era, tinha atenção de todos da família; cada um queria fazer um mimo diferente.

Além dos presentes que ganhava, também tinha direito a idas à padaria, nas quais as guloseimas não eram proibidas, apesar do apelo da matriarca e do médico que cuidava dele.

Algumas dobras já eram perceptíveis no corpo daquele menino que indicavam a necessidade de um controle alimentar.

A realeza do querido filho caçula era diferente da história dos reis comuns que controlavam a vida das pessoas e a riqueza material do reino; esse pequeno rei era tratado com respeito e amor.

Não se sabia onde começava a magia que desenrolava a vida de Ma-

teus. Não era claro, se ele recebia tratamento diferenciado por sua conduta natural ou se demonstrava uma percepção mais refinada devido à tratativa de todos. A relação dele com a vida era quase um enigma.

Se desenvolvendo a olhos vistos, algumas providências tinham que ser tomadas; havia chegado a hora de cuidar de seu intelecto.

Assim como fez com toda prole, Francesca iniciava este trabalho.

Fiel aos seus princípios, ela acalentava seu coração quando pensava em todos os ensinamentos que julgava de suma importância.

Logo que ele completou cinco anos ela começou a mostrar suas verdades.

Em pequenas doses, como se fosse remédio, começou o treinamento de mãe para filho. Como se estivesse ensinando uma equação, ela o deixava ciente de que toda ação gera uma reação.

Atos bons trazem resultados positivos; por sua vez, os maus trazem sofrimento e ainda seria difícil prever tudo que poderia advir deles.

Ensinava de forma intensa, que apesar dos desafios que a vida trouxesse, sempre seria necessário tomar as decisões corretas. Jamais permitir que o desânimo o abatesse.

Através do amor Francesca transmitia para seu filho a nobreza que deveria ter em suas ações.

Com dignidade, o menino Mateus demonstrava alegria de viver.

Sempre dividia seus doces com as crianças mais pobres e o mesmo acontecia com os brinquedos.

Não entendia o porquê de algumas crianças andarem descalças e sujas pelas ruas.

Às vezes pedia dinheiro para Bráulio e logo repassava para algum menino carente.

Tinha a mesma paixão com os animais; não concebia a ideia de servirem de alimento.

Um grande dia estava chegando!

Capítulo 2. UM MUNDO A SER ENFRENTADO

Em algumas semanas Mateus iniciaria uma nova vida.

Esperando o ônibus que o levaria para a escola, naquela manhã chuvosa, ele estava ansioso com o rumo que sua vida estava tomando. Tudo era desconhecido, a começar pela situação de ficar fora de casa mais de seis horas.

Desafios jamais enfrentados se iniciariam. No primeiro dia de aula dentro de um uniforme nada confortável e o pior, tendo que se acostumar com a distância de seu caloroso ambiente de paz, que era a vida em família.

Tinha total domínio dos acontecimentos em sua casa; sabia exatamente a hora do café da manhã, da fruta das dez, do almoço ao meio-dia e o que aconteceria no período da tarde até o horário de dormir.

Nesta nova fase, receberia aulas de estranhos e ficaria com outras crianças que nunca havia visto.

A partir daquele momento, estaria como se fosse por conta e risco próprio, num mundo diferente do apresentado a ele em seus poucos anos de vida.

A emoção de estar na rua começava a mexer com o pequeno rapaz.

Esperando no local combinado, exatamente ao meio dia, o grande veículo estacionava no meio fio para que mais uma criança fosse conduzida à escola.

Mateus percebia toda potência do ônibus ao parar, que fazia ruídos fortes quando freava exalando o cheiro característico de óleo diesel.

Tamanho era o impacto da frenagem, que o deslocamento de ar despenteava Mateus.

Quando embarcava, ainda no segundo degrau da escada, a porta era fechada imediatamente e o motorista já arrancava, ainda que de forma prudente. Demonstrava, claramente, que não tinha tempo a perder. E a estrutura de aço, cheia de almas jovens, se movimentava a caminho do saber.

Mateus tentava dar a última olhada para Francesca, sem sucesso, pois a condução avançava numa velocidade cada vez maior.

Cambaleando e se segurando como podia, já com suas pernas doendo, ele se mantinha em pé apesar da dificuldade, que exigia toda sua força para manter-se equilibrado.

Suas mãos estavam ocupadas com livros e cadernos. Também levava seu lanche que era importante. Se a distância de sua casa era inevitável, ao menos teria o consolo de comer um sanduiche feito por sua mãe.

Percebia a mistura de vozes, cores e cheiros dos novos companheiros. Não conhecia ninguém, de comum, só a idade, todos tinham entre seis e nove anos.

Nos bancos da frente estavam meninas e meninos bem arrumados, quietos e com ar de nobreza. Embora ele os olhasse para cumprimentar, reconhecer alguém ou iniciar uma conversa, ninguém sequer virou a cabeça em sua direção.

Como única coisa a se fazer naquela situação, continuou caminhando titubeante pelo comprido corredor do ônibus. Outra percepção se abria aos seus tímidos olhos. Os companheiros que ocupavam as últimas poltronas eram distintos da turma da frente.

Eles falavam assuntos diversos, o tempo todo e ao mesmo tempo, mascaravam chicletes e com expressão de poucos amigos.

Também havia diferença na aparência do uniforme das duas turmas. Embora fosse o mesmo padrão de cor e tecido, a comunidade do fundo usava a camisa fora da calça, botões desabotoados, trajes amassados e cabelos despenteados como se fosse outra tribo.

Onde sentar era sua primeira decisão.

O que era preferível? Ficar próximo dos bem-arrumados que não tinham tomado conhecimento de sua presença ou se acomodar com os rebeldes?

Sua escolha deveria ser rápida, pois seus braços doíam e começavam a

adormecer devido ao peso do material.

Retornou cambaleante pelo corredor e escolheu sua poltrona. Acomodou-se no meio do ônibus e ficou sem companhia próxima a ele. Abrindo a janela para se refrescar, procurava relaxar e descansar um pouco do *stress* da força física. Se equilibrar nos movimentos bruscos do coletivo exigiu muito dele.

Mateus, que era tratado como um rei pela família estava uniformizado e padronizado, tanto na roupa, como na igualdade de importância com todos da escola. Lá ele não teria o tratamento atencioso ao qual estava acostumado.

Na sala de aula eram dezoito meninos e vinte e duas meninas com idades semelhantes, porém, diferentes uns dos outros, tanto na aparência, como na educação.

Ser lançado fora da zona de conforto de sua casa gerou certa insegurança em Mateus. A realidade se apresentava a ele de forma rude.

Restava-lhe somente encarar a nova fase oferecida como futuro promissor. Ele confiava nas palavras de sua mãe, que dizia com veemência, que aquele era o melhor caminho a ser seguido a partir daquele dia.

Em poucos meses, Mateus tinha algumas percepções sobre aquelas viagens diárias.

Por exemplo, cruzar a cidade poderia variar de uma hora à uma hora e meia, tudo dependeria do número de carros e dos problemas que acontecessem nas avenidas. Foi percebendo quais os dias da semana eram mais complicados e até os pontos e cruzamentos com maior intensidade de veículos.

Com aquelas descobertas ele foi se acostumando com as idas e vindas que no início pareciam intermináveis.

Decidiu que continuaria sentando nas poltronas centrais do ônibus. Raramente tinha companhia. Alguns meses depois, tudo continuava como no primeiro dia, com a turma da frente não interagindo com a do fundo.

Ele já havia conquistado um pouco de coleguismo nas duas turmas. Trocava sorrisos com as meninas do lado dos esmerados e se relacionava com mais dificuldade com a turma rebelde.

Na escola de modo geral, através de uma atitude de espera, se sentia mais seguro em suas relações. As amizades aconteceriam de forma cuidadosa, o que o ajudaria a não se meter em encrencas.

A vida apresentava outras etapas de aprendizagem, onde novos enten-

dimentos lhe povoavam a mente. A era da construção de seu caminho havia começado, sem direito a retorno.

Mateus alcançava seus quinze anos de idade. O mundo descortinava para ele através da janela do ônibus. Sentado em sua poltrona predileta via todo frenesi da cidade, homens, mulheres e crianças caminhando pelas calçadas. Nas avenidas, bicicletas, motocicletas, ambulâncias, carros de polícia, bombeiros, ônibus, grandes caminhões e outros menores, circulando lentamente com suas cargas.

No meio daquele movimento havia uma linha de trem que cruzava importante avenida, a única via de acesso dos bairros para o centro da cidade. A cada trem, eram intermináveis minutos de espera. Tudo dependia do número de vagões puxados pela imponente máquina que às vezes duas delas eram necessárias para puxar tantos vagões.

Trânsito caótico, pouco espaço nas ruas e avenidas, vias antigas que não suportavam mais o imenso tráfego de veículos. Por pequenos problemas mecânicos nos carros ou outras ocorrências, tudo ficava parado por horas.

Muitas pessoas caminhando rapidamente pelas calçadas, trombando umas nas outras, sem tomarem conhecimento da igualdade de direitos e deveres entre cidadãos.

Diferenças sociais eram estampadas nas posturas, roupas e carros.

Pessoas demonstrando insanidade, pobres e doentes jogados nas calçadas, extirpados da sociedade e maltrapilhos renegados à própria sorte.

Outro tipo de gente que caminhava naquelas calçadas, se mostrava em condição diferente da maioria. Eram bem vestidas, sorridentes e saudáveis. A cada grupo de dez pessoas pelo menos sete eram corroídas pela pobreza, a níveis que a dignidade humana não existia.

Ao mesmo tempo alguns carros se destacavam pelo luxo e potência contrastando com a grande frota de outros velhos, barulhentos e poluidores.

As pessoas caminhavam de um lado para outro como se estivessem fora de si, em contínuo torpor.

Este era o panorama observado por Mateus através da janela do ônibus, por dias, semanas, meses e anos. Poucas coisas mudavam nas cenas cotidianas. Com o passar do tempo, através do que ele presenciava, comprovava a dura realidade da vida. A cada novo dia sentia as mudanças pulsando em sua alma, como uma pedra sendo esculpida.

Mateus já tinha claro discernimento sobre como deveria ser a vida do

ser humano, no entanto as gritantes diferenças sociais eram visíveis.

Através de sua base familiar, fazia comparações do que via e de como as coisas deveriam ser. O que vivenciava não lhe agradava e não condizia com o tratamento que recebia em sua casa.

Foi incutido em sua mente que a dignidade é muito importante na vida das pessoas. Questionava como era possível viverem daquela forma.

Não tinham casa, alimento, remédio e possivelmente nem família ou amigos.

Estavam ali totalmente desvalidas.

Mateus já experimentava o dissabor que a realidade podia proporcionar.

Com dezessete anos vivia sua primeira crise existencial!

Nos momentos de tristeza sentia aperto no peito que o sufocava. Quando olhava para o horizonte, tinha a impressão que o mundo acabava exatamente ali. Nesses momentos achava o planeta pequeno como se o céu pudesse descer e amassá-lo. Sentia suor abundante escorrendo pelo corpo que nem parecia ser dele próprio, tamanho era o desconforto que lhe causava aquela sensação de frio, que era como se ele estivesse em pleno inverno.

A escola, em alguns anos, havia deixado de ser interessante para aquele adolescente que pensava como um adulto. O sistema escolar fazia dos estudantes pequenos robôs. Castigos eram aplicados constantemente àqueles que não se adaptavam às normas limitadoras dos mestres.

Matérias imprecisas que jamais poderiam satisfazer à grande sede de saber da maioria dos alunos.

Distúrbios aconteciam entre educadores e alunos, principalmente com aqueles jovens que ousavam seguir o próprio caminho, através de suas verdades profundas e sem a interferência do sistema de ensino.

Havia divergência que o afrontava entre o que ele vivenciava na escola e o que havia sido alimentado em seu intelecto.

Afinal, o que Bráulio lhe ensinava desde criancinha, nas noites e finais de semana, era que ele deveria respeitar o próximo, ser um homem de bem.

Francesca, da mesma forma, sempre que tinha oportunidade conversava com ele, fosse andando pelas ruas, nos supermercados ou cuidando da horta. Incutia em sua cabeça como valia a pena ser bom. Agindo de acordo com os sinais enviados pelo seu coração, aqueles ensinamentos eram tão importantes como a própria respiração.

Não havia ajuda mútua entre aqueles caminhantes.

Sentia estranheza na frieza das pessoas. No entanto, naquele caos, ele ficava feliz quando via uma pessoa oferecendo um pão para alguém, ajudando um idoso a atravessar a rua ou um homem conduzindo um deficiente visual. Ações que aliviavam os sobressaltos que os menos favorecidos encontravam naquele formigueiro humano.

Humanismo que fazia com que Mateus se sentisse bem. Presenciar cenas de demonstração de caridade fazia com que ele comprovasse a veracidade dos conselhos recebidos em sua casa. Nesses momentos, ele sentia, verdadeiramente, alegria de viver.

Ele se perguntava por que todos aceitavam a vida daquela forma. Quais os motivos para tratar os outros com tanto desdém? Não compreendia porque ele sentia aquele amargor tão profundo, uma vez que a desigualdade vista nas ruas não atingia as pessoas.

Por que ele não conseguia ser como a maioria?

Tentava não se impressionar com as mazelas das pessoas, porém, por mais que desejasse fazer vista grossa, acabava sendo vencido.

Quando ponderava, ocorria que deveria se contentar com a alegria de retornar para casa. Encontrava o merecido sossego no conforto de seu lar, longe das ruas. Travava constantes embates com sua consciência, como se não tivesse direito de se sentir bem.

Na intenção de formar opinião, conversava com amigos sobre o problema social e como aquela realidade o afetava. Ele tinha como resposta que a paz, o verdadeiro bálsamo para alma, somente poderia ser encontrada no lar, jamais no meio da multidão.

Quando recebia este ponto de vista, questionava a si mesmo porque não conseguia viver as duas realidades como as outras pessoas.

Aquele sistema de vida não poderia dar certo em nenhum estágio da existência.

Se nada estava sendo feito para que a vida das pessoas mudasse, como esperar por tempos melhores? Como ficaria a esperança que cada um alimenta em seu coração?

Onde estava a origem do problema?

Mateus tinha muitas perguntas e nenhuma resposta nos momentos de crise, não havia pensamento que o aliviasse.

A matéria-prima que o mundo estava oferecendo não permitia pensamentos otimistas.

A vida parecia pesada e desastrosa indicando sofrimentos infindáveis.

Sentia-se angustiado como se estivesse viajando em um trem vindo do subúrbio, com seus vagões abarrotados de gente, tão espremida, que formava uma massa de corpos que nem parecia ter individualidade. Em sua soberania, as pessoas tinham somente o pensamento que carregavam em seu intelecto.

Estavam ansiosas para chegarem nalgum lugar. Talvez numa estação onde pudesse ter um compromisso importante que justificasse tremendo desconforto, verdadeiro calvário!

Mateus não via perspectiva de melhora para sua saúde emocional. Como alimentaria seu ânimo para continuar sua batalha?

Na realidade, também havia divergência em família. Assuntos simples e complexos eram considerados e discutidos. Embora as emoções falassem alto, no final, as conclusões eram aceitáveis para todos.

Desde o primeiro filho, Bráulio e Francesca optaram por tratar dos assuntos familiares de forma imparcial. Acreditavam que envolvendo todos na discussão chegariam a um consenso.

Através dessa conduta, a família foi mantida unida e sem rugas entre seus membros. Não havia conflito de interesse, eram todos por um e um por todos.

Nos dias de angústia mais profunda, o quarto de dormir era como um oásis para Mateus. Estando no conforto de seu ambiente, sentia que o lado externo de sua casa era como o deserto com seus perigos constantes. Deitado em sua cama e desfrutando de imensa paz, ele pensava que ali sempre descansaria e teria conforto espiritual.

Nas noites quentes de verão, via pela janela a grandeza da lua refletindo a luz do sol, como se tivesse luz própria.

De todas as fases lunares a que mais tocava seu coração era a lua cheia. Nunca se esqueceu da noite em que o mar encolheu tanto, quase sumindo na escuridão ao longe, magia que somente os mistérios da lua cheia podem propiciar.

Maravilhado com tudo que podia ver no céu a olhos nus, as estrelas continuavam sendo um caminho natural para sua compreensão.

Olhar para cima era uma via de escape para ele. A forte energia emanada de cima fazia com que ele acreditasse em dias melhores e aceitasse a vida que levava.

Se havia o caos absoluto na terra, lá em cima, onde bilhões de estrelas compõem o universo, tudo era organizado, bonito e refrescante. Olhar para aquela grandiosa obra, infindável, era como se nortear pelo farol de uma ilha que indicava qual caminho seguir para os navios em noites de mar revolto.

Em sua vida corporativa através de sua visão de mundo, Mateus tratava os assuntos simples com o mesmo grau de importância. Não fazia distinção por valores envolvidos. Ele não imaginava outra conduta que pudesse ter. Se as pessoas à sua volta lidavam com pouco caso os pequenos negócios, para ele todos tinham que ter o mesmo padrão de atenção.

A vida profissional mostrava que a competição era selvagem, ainda que velada e além de perceptível, a voracidade por aumento nos lucros nada respeitava. Por trás da beleza externa das pessoas estavam seres cruéis.

Atitudes frias também avançavam para a vida pessoal, onde as conquistas amorosas eram calcadas em ludibriar os outros por uma noite de prazer. Peripécias que eram contadas a quem quisesse ouvir no cafezinho das manhãs.

Mateus, já homem feito, com seus vinte e um anos, se sentia marginal por não compactuar com aquelas ações. Boa parte do que aturava em seu dia a dia exigia muito de seu estômago e, nos momentos mais agudos lutava contra o asco.

Queria ser útil à sociedade. Encontrar uma causa que valesse a pena viver por ela.

Almejava paz aceitando a vida como ela se mostrava. Sentia muito claro que o que desejava nada tinha de especial e que todos deveriam ter acesso.

Percebia que a plenitude da vida simples e honesta estava distante das pessoas que utilizavam de engodos para alcançarem seus propósitos. Agiam como se as vitórias devessem ser conquistadas a qualquer custo, não importando quantas pessoas cairiam no processo de suas subidas.

Através do filtro natural de suas relações, poucas pessoas sobravam como amigos. Entre as que valiam a pena interagir estava Sofia, justamente pela sua sinceridade e austeridade em relação à vida. A vida era tema importante para ela. Jamais poderia ser tratada com desdém. Essa peculiaridade era tão inerente à personalidade dela que ninguém se ofendia com as verdades expressas por mulher tão fascinante.

Mateus também não passava em brancas nuvens aos crivos de Sofia, que lhe dizia sempre:

— Mateus, você não é um rei que precisa carregar o reino nas costas. Isto é, se é que os reis fazem este tipo de coisa. Não se conquista a felicidade de uma só vez através de uma tacada certa, ela tem que ser conquistada passo a passo, senão, não será duradoura. Meu amigo, por que você não foca no lado bonito da vida, que tem muitas coisas boas acontecendo? Olha, Mateus, isto não seria egoísmo. Não se impressione com a pobreza. Muitas vezes vemos alguém em dificuldade e quando nos interessamos por essa pessoa tentando ajudá-la, percebemos que ela não quer; logo, morar na favela pode ser um modo de vida escolhido, o que não significa que ela é infeliz. Então, as escolhas de vida pregam peças na gente nos deixando desconfortáveis. Falo pela experiência que tive há pouco tempo com uma senhora que julguei que pudesse ser sua salvadora.

Teoricamente, Sofia tinha toda a razão do mundo em suas considerações. Na prática até aquele momento, Mateus havia tentado achar o equilíbrio em sua relação com o mundo, sem sucesso.

Quando Sofia falava sobre suas verdades, era como se ele bebesse suas palavras alcançando profundo sentimento de paz.

Era fascinante para ele a facilidade que ela tinha em considerar as situações constrangedoras da vida prática. Mateus se perguntava se talvez ela não tivesse passado pelos níveis de problemas que ele havia experimentado o que justificaria sua teoria suave.

Estava difícil suportar a pressão do sistema. Embora o padrão indicasse um rumo, ele jamais pagaria o alto preço exigido para galgar posição financeira e *status*. Algumas pessoas cometiam verdadeiros crimes para estarem em dia com as exigências da sociedade e seus valores.

Certas situações que envolviam ganhos financeiros eram de tamanha desfaçatez que sua hombridade não permitia executar. Embora as pessoas ficassem boquiabertas, ele simplesmente declinava dos negócios de ganho fácil.

Este prazer seria de pouca duração em relação a toda manipulação desonesta que era demandada.

Novamente, aquele pensador, vítima dos fantasmas da falta de compreensão, tentava concatenar suas ideias: Será que o mundo financeiro não se tornava árduo por causa da grande selva que era, onde um tentava derubar o outro?

Mateus preferia não contradizer a estimada amiga nesses assuntos, sempre que possível, mudava o rumo da conversa. Aqueles encontros eram tão prazerosos que superavam um bom vinho. Suas conversas sinceras causavam leveza transcendental.

Como uma ampulheta, de forma lenta e constante, o tempo havia passado sem que Mateus percebesse. Já alcançava vinte e três anos e continuava em sua luta diária num misto de conformismo e revolta. Alguns dias eram piores, pois as garras do contrassenso tornavam quase impossível para ele vencer sua jornada. Levava a vida como era possível.



A PoD Editora garante, através do selo FSC de seus fornecedores, que a madeira extraída das árvores utilizadas na fabricação do papel usado neste livro, é oriunda de florestas gerenciadas, observando-se rigorosos critérios sociais e ambientais e de sustentabilidade.

www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

212236-0844

2018